

## Sofrência: entre xs muitxs elxs<sup>20</sup>

Felipe Nunes Quaresma

O presente relato traz os efeitos do currículo cultural da Educação Física em ação numa escola pública da cidade de São Paulo (SP), situada nas localidades do Jardim Ângela, um bairro periférico da Zona Sul. Antes de relatar as ações didáticas, é importante apresentar o panorama político do porquê sou professor na EE Maria Pecciole Gianasi. Em 2015, com a famosa reorganização da rede estadual, a Secretaria da Educação, de maneira antidemocrática, simplesmente resolveu transferir xs estudantes de várias escolas sem consultar a comunidade que nelas estudava ou trabalhava. O alunado, corajosamente, adotou uma postura brilhante e genial, ocupando mais de 100 escolas em todo o estado com o objetivo de barrar aquele projeto fascistoide.

Xs estudantes, de forma exitosa, fizeram o poder público voltar atrás, obrigando-o a anunciar na grande mídia que a reorganização seria feita democraticamente e que nenhuma escola seria fechada. Caso acontecesse, isso seria de maneira gradativa e com a participação da comunidade. As escolas foram desocupadas e o ano letivo foi concluído com a vitória dxs estudantes guerreirxs.

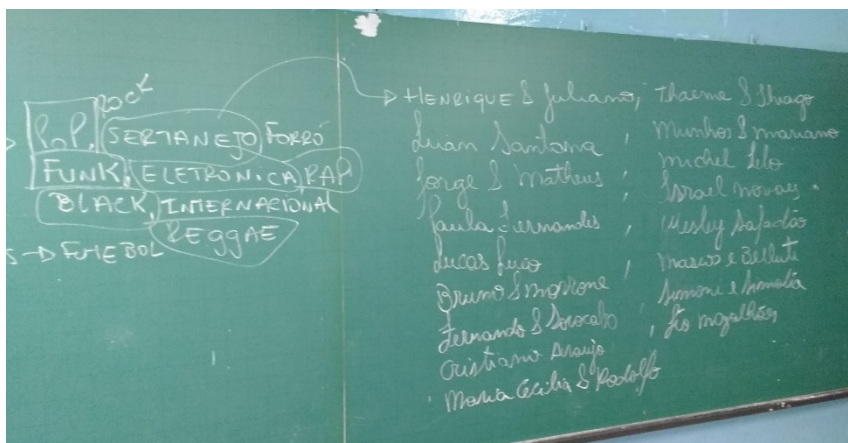
Mas, em 2016, durante o processo de atribuição de aulas para os professores efetivos, percebemos a diminuição considerável de salas na maioria das escolas. Alguns diretores e supervisores, obedecendo tal qual lacaios aos desmandos do governo, superlotaram as salas de aula e diminuíram drasticamente a quantidade de aulas disponíveis, levando a maioria dxs professorxs a diminuir suas jornadas e obrigando-xs a assumir aulas em diversas escolas para não ter diminuídos seus vencimentos.

Como consequência daquela reorganização mascarada, tive que trabalhar em quatro escolas para manter a jornada básica. Assumi as turmas na escola Pecciole nessas condições, e foi lá que o currículo cultural teve seus efeitos multiplicados nxs estudantes, professorxs, gestão e demais membros da comunidade. Ainda na primeira semana, pedi à gestão o

Projeto Político Pedagógico para entender quais eram os objetivos da escola e as ações que pretendia desenvolver. Não me foi apresentado, pois estava em elaboração.

Sem conhecer o teor desse documento obrigatório em todas as escolas brasileiras, conversei com xs estudantes para mapear o que conheciam sobre as práticas corporais e o que já tinham estudado nas aulas de Educação Física dos anos anteriores. Majoritariamente, eles responderam sobre suas experiências com os esportes, alguns/algumas participavam de turmas de treinamento na escola e disputavam campeonatos. Não satisfeito, perguntei quais práticas corporais acessavam fora da escola, em casa ou em outros lugares. Como a dança foi repetidamente mencionada, pensei que seria importante tematizá-la. Propus aos/às estudantes abordarmos a dança e a maioria aceitou, mas houve também algumas queixas, pois não queriam abandonar os esportes. Percebi que não seria fácil mudar esse quadro, pois, afinal, era essa a concepção de Educação Física que acessaram desde que conheceram o ambiente escolar.

Uma vez definido o tema, perguntei-lhes quais danças conheciam. À medida que respondiam, registrava na lousa: *funk*, *rock*, *pop*, *reggae*, *pagode* etc., até que alguém disse “sertanejo”. A reação de uma parcela da turma foi imediata. Começaram a gritar que não queriam, enquanto outros se mostraram bem entusiasmados com a ideia. Desafiei aqueles que rejeitaram o estilo a explicar as razões da negativa. Os discursos começaram a surgir: “Ah, nada a ver isso aí, prof.”, “coisa de baiano”, “só fala de amor”. Pedi à turma que dissesse quais cantores, cantoras e duplas conheciam e anotei os nomes. Pedi que, para a próxima aula, salvassem músicas sertanejas no celular ou *pen drive* para que pudéssemos ouvi-las. Na data marcada, enquanto ouvíamos as gravações, estimulei-xs a dançar, o que causou muitas risadas.



Alguns meninos e meninas dançaram, outros não. As vivências prosseguiram na sala de aula, no pátio da escola, na quadra e em uma área grande ao lado da quadra. Levei à escola uma caixa de som portátil com bateria, com entrada USB. Xs estudantes passaram a pesquisar e trazer músicas sertanejas variadas, e alguns efeitos interessantes começaram a ocorrer. Os primeiros foram xs professorxs pedindo para diminuir o volume, pois o som alto atrapalhava as aulas e, na sequência, xs estudantes de outras turmas perguntando se eu era professor de dança: “Não sou, nem sei dançar nada”.





Durante várias aulas, xs estudantes definiram as músicas que queriam dançar, curtiram, tiraram “sarro” dxs colegas, enfim, muitas coisas aconteceram. Enquanto isso, alunxs de outras turmas pediam para ir ao banheiro, xs curiosxs olhavam pela janela ou iam até o corredor para ver o que estava acontecendo, todxs acabavam se juntando a nós e participando. Até as agentes de organização escolar arriscaram seus passos.



Com o intuito de aprofundar os conhecimentos, passei a perguntar sobre as músicas que estávamos escutando. A turma percebeu que o sertanejo sofrência era o mais tocado. Questionadxs sobre o conteúdo das letras, responderam que falam de amor. Analisando os versos, percebemos que a maioria narrava um homem sofrendo de amor por uma mulher. Foi aí que um dos estudantes surpreendeu o grupo dizendo: “Essas músicas não me representam, pois eu amo outros meninos”. Muitxs estudantes riram e o chamaram de “veadinho”. O fato levou-me a propor que buscassem músicas que pudessem representar o colega. Imediatamente, cedi meu celular para que pesquisassem músicas do sertanejo *gay*. Enquanto alguns/algumas ficaram quietxs, outrxs disseram: “Claro, vamos procurar, prof?”.

Ao digitar no Google e no YouTube os termos “sertanejo gay”, apareceu uma dupla chamada Zé Barreiro e Catuaba. Ouvimos várias músicas. Também recorri ao grupo do WhatsApp de professorxs amigxs que colo-

cam o currículo cultural em ação e perguntei se alguém conhecia alguma música sertaneja com essa temática. A querida amiga e professora Dayane indicou a dupla As Bofinhas.



À medida que ouvíamos as canções, coisas interessantes começaram a acontecer. Responsáveis pelos estudantes foram à escola reclamar que o professor “não está dando aula direito” de Educação Física. A gestão notificou-me sobre as angústias dos familiares, e a única coisa que fiz foi explicar que o procedimento fez emergir as relações presentes na sociedade atual, não inviabilizando certos corpos e sim reconhecendo as vozes de todos, e isso às vezes incomoda.

Na semana seguinte fiquei sabendo de um evento na região, o Periferia Trans. Consegui o contato de um dos organizadores, acessei informações na internet e apresentei-as aos estudantes. Perguntaram: “Mas o que é trans?”. Fizemos uma discussão sobre travesti, mulher trans e homem trans.



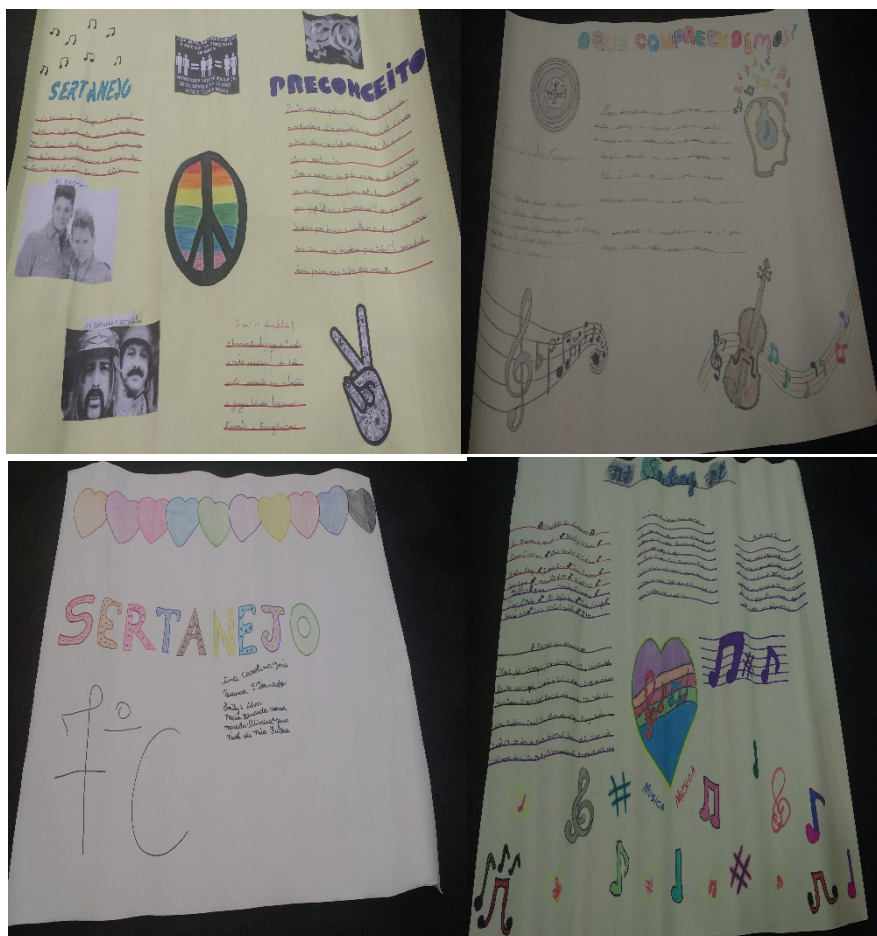
Mais responsáveis foram à escola dizendo que eu estava ensinando seus filhos e filhas a “virarem gays”. Diante da problemática, pedi auxílio à gestão para que fizéssemos uma reunião para conversar com os familiares de todxs sob minha responsabilidade. Na data marcada, iniciei a conversa pedindo que falassem o que incomodava e o que estava acontecendo de errado. Uma mãe falou que estava mandando o filho com gravador para gravar tudo que estava acontecendo na aula, outra disse que o filho estava escutando umas músicas sertanejas em casa que falavam coisas impróprias, outras questionaram o porquê de em vez de dar aula “disso”, não dava futebol, assim como todxs xs professorxs de Educação Física faziam. Anotei todas as inquietações e comecei a esboçar o cenário da escola pública e qual era sua função. Discutimos sobre o currículo que colocava em ação e a diretora fez uma fala de apoio, dizendo que confiava no meu trabalho e que era um professor sério. Chegando à razão do

desconforto, o fato de abordarmos a temática *gay* na escola, expliquei como a Educação Física historicamente vinha subjetivando as pessoas com experiências heterossexuais, cristãs, machistas, eurocêntricas e estadunidenses. Ressaltei a necessidade de potencializar novas possibilidades de vida para aqueles alunos que ali estavam e problematizei a questão de não poder amar livremente, sendo homem, mulher, travesti, transexual, meninos e meninas. Por que não amar o mesmo sexo? Lembrei vários que foram impedidos de viver, tendo sido assassinados simplesmente por amar de uma maneira que a igreja e a maior parte da sociedade ama. Perguntei se achavam justo aquilo acontecer. Muitos familiares se solidarizaram e disseram que havia passado a hora de isso parar e que era necessário abordar o assunto na escola. Narraram experiências pessoais e situações tristes que viveram. Outros disseram que não queriam saber daquilo e não concordavam com isso. A conversa se estendeu por mais de duas horas, e a reunião terminou quando afirmei que a escola é um espaço democrático, onde podemos discordar da opinião de outros, mas nem por isso precisamos nos agredir.

Pensei em partilhar com os estudantes o que havia acontecido, mas não foi necessário. Tão logo cheguei à escola no dia seguinte, vários me esperavam com a pergunta: “Professor, você vai sair da escola?”. Devolvi a questão: “Por que sairia?”. Relataram a angústia de alguns/algumas responsáveis ao chegarem em casa e descreverem a reunião. Apesar disso, muitos alunos disseram achar normal conversar sobre o assunto e que, com o tempo, iriam convencer as famílias. Continuamos a vivenciar a dança sertaneja e, enquanto ouvíamos *As Bofinhas*, registramos algumas experiências em cartolinas.







Pensar a escola como um dos aparatos sociais que potencializam a vida, diferentemente daquele sentido que moveu sua criação, permite travar um diálogo com a resistência aqueles que promovem a vida de maneira diferente. Fazendo isso, provocamos certas ações nos sujeitos que nela adentram.

“São muitos os elementos dos escritos foucaultianos que se poderia perceber enredados no movimento *queer*. Particularmente, me chamam atenção suas formulações e comentários sobre a resistência.

Inúmeras vezes Foucault falou sobre a resistência. Chegou mesmo a sugerir que ela poderia ser tomada como um ponto de partida ou como

uma espécie de ‘catalisador químico, de forma a trazer à luz as relações de poder, localizar sua posição, encontrar seus pontos de aplicação e os métodos usados’ (FOUCAULT, 2008).”<sup>21</sup>

Não podemos esquecer que durante muito tempo a escola esteve encharcada de práticas machistas. Quando ocorre um flerte com aqueles que resistem, chega a ser comum o estranhamento dos familiares e de alguns/algumas professorxs. Isso se configura como um momento importante para conversar com a comunidade para que entenda o que e o porquê de essas coisas acontecerem. O trabalho realizado movimentou essas ações de maneira bem potente. Até hoje, quando encontro aqueles estudantes na rua, ouço: “E aí, professor, a escola ficou em choque, hein?”.

Pensando nas ações de vida que xs estudantes propuseram durante a tematização da sofrência, vale lembrar uma referência à obra *Ditos & escritos*, do filósofo francês Michel Foucault, presente no livro *Para uma vida não fascista*, organizado pelo professor Alfredo Veiga-Neto e pela querida professora Margareth Rago: “Nada fascina mais Foucault do que ter diante de si a possibilidade de que as pessoas possam fazer de suas próprias vidas o material para a realização da estética da existência, sem que tenham que recorrer a um padrão de normalização, a alguma estrutura de identificação ou de autoencontro, nem ao recurso a algum processo de disciplinarização. Para o pensador, vale a pena constatar como a sociedade da Grécia Antiga, bem diferente da nossa, pois não estava submetida aos constrangimentos anteriormente indicados, pode nos ajudar a entender nosso nexos com a atualidade: ‘entre as invenções culturais da humanidade, existe um tesouro de procedimentos, verdadeiramente, mas que constituem ou podem ajudar a constituir uma espécie de ponto de vista que pode ser útil para analisar e para transformar o que se passa à nossa volta, hoje’.”<sup>22</sup>

Sem dúvida, xs estudantes desprenderam-se das amarras da escola, do controle e da negação de corpos e olharam para a cena do sertanejo e do amor de outra forma. Quem potencializou um novo caminho na aula, sem dúvida, foi ele. Por isso, a necessidade de um olhar atento e de ficar o tempo todo à espreita como docente, pois essas cenas passam rapidamente e, perdendo-as, poderemos invisibilizar mais ainda a vida daqueles que são forçadxs a viver como umx outrx que não deseja.

Ainda flertando com o pensamento foucaultiano, não podemos pensar que essa estudante, ao não se relacionar com a heterossexualidade, tão marcada em nossa sociedade, está isenta das relações de poder.

Não podemos pensar que, ao reconhecer a voz daquelas que resistem a toda essa maquinaria escolar, estamos, enfim, completando nossa saga de salvadores dos fracos. Esse não é um pensamento bem-vindo nas políticas de viver nas quais o currículo cultural comunga. Ao entrar em campo inexplorado, o potente é continuar por lá tentando trazer o que existe de mais belo e vivo.

Gostaria sinceramente de acabar este relato de outra forma, mas as demandas sociais brasileiras levam-me a trazer alguns dados para que possamos fazer um exercício genealógico da transfobia. Essa foi uma das estratégias que usei para mostrar a importância do projeto para essas familiares dessas estudantes. De acordo com Thais Cunha, que assina uma matéria sobre o assunto no *Correio Braziliense*: “o Brasil matou ao menos 868 travestis e transexuais nos últimos oito anos, o que o deixa, disparado, no topo do *ranking* de países com mais registros de homicídios de indivíduos transgêneros. O dado, publicado pela ONG Transgender Europe (TGEu), em novembro de 2016, é assustador, mas não representa novidade para essa parcela quase invisível da sociedade brasileira, que precisa resistir a uma rotina de exclusão e violência.

Segundo o relatório da TGEu, o país registra, em números absolutos, mais que o triplo de assassinatos do segundo colocado, o México, onde foram contabilizadas 256 mortes entre janeiro de 2008 e julho de 2016. Em números relativos, quando se olha o total de assassinatos de pessoas trans para cada milhão de habitantes, o Brasil fica em quarto lugar, atrás apenas de Honduras, Guiana e El Salvador.

Esses dados são mascarados pela dificuldade de contabilizar os crimes. Em muitos países, não é possível obter informações confiáveis. E, naqueles em que há registros, são comuns, por exemplo, notícias e boletins de ocorrência que identificam a vítima como ‘homem com roupas de mulher’. O monitoramento da TGEu também não contabiliza episódios como o assassinato do vendedor Luiz Carlos Ruas, 54 anos, espancado em uma estação de metrô de São Paulo, na noite de Natal, após defender uma mulher trans que estava sendo agredida.

Por tudo isso, as mais de 800 vidas perdidas no Brasil e as 2190 no mundo, são apenas a ponta do *iceberg*. Mas as histórias que passam pelo filtro do preconceito e da falta de informações deixam claro o estado de vulnerabilidade das pessoas que se identificam com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento.

Em 2014, no Rio de Janeiro, um pai espancou até a morte uma criança de 8 anos para ensiná-la ‘a ser homem’. Alex vestia roupas femininas e rebolava enquanto lavava a louça. O monitoramento da TGEu também conta a história de uma garota trans de 13 anos, de Araraquara (SP), vítima de exploração sexual, encontrada com 15 facadas pelo corpo, incluindo a cabeça e a face, além de uma fratura no crânio. Em outra ocorrência, em 2010, Érica, 14, levou 11 tiros em Maceió. Vanessa, também de 14 anos, recebeu ameaças de morte da própria avó e foi estrangulada, em 2014, em Angélica (MS). O Correio noticiou casos assim.”<sup>23</sup>

Encerrando esta narrativa, agradeço a todxs xs travestis, trans, *drags*, *gays* e afins por fazerem da política do amor um espaço mais bonito e colorido.

Rogéria siga em paz...



Fonte: [www.dragqueeneventos.com](http://www.dragqueeneventos.com)